






## Educa Pampa: uma proposta para cuidar da Pampa e dos saberes de suas gentes

 Cassiane da Costa<sup>1</sup>,  Biane de Castro<sup>2</sup>,  Josieli de Oliveira Rodrigues<sup>3</sup>,  Natiele Adriani de Souza da Cunha<sup>4</sup>,  
 Rogério Antônio Enderle<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. FAEM. Campus Universitário s/n, Capão do Leão - RS, Brasil. <sup>2</sup> Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. <sup>3, 4</sup> Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. <sup>5</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

*Autor para correspondência/author for correspondence: costa.cassiane@ufpel.edu.br*

**RESUMO.** A educação do campo que acontece na Pampa precisa dialogar com a realidade do território, possibilitar aos(as) educandos(as) conhecer e refletir criticamente sobre o seu lugar de vida. Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo apresentar e discutir a experiência do Projeto Educa Pampa na promoção do cuidado com a Pampa e os saberes tradicionais de suas gentes. Para alcançar o objetivo, escolhemos o Método do Estudo de Caso, utilizamos relatórios das atividades realizadas e fotografias. Esse projeto piloto iniciou no segundo semestre de 2024 em Santana do Livramento/RS, abrangendo atividades relacionadas a plantas medicinais, frutíferas nativas, campo nativo e sementes crioulas em duas escolas municipais e uma escola estadual. A troca de saberes entre educadores(as), educandos(as), assentados(as) da reforma agrária, quilombolas, etc foi o ponto alto do projeto. As crianças e adolescentes participaram ativamente das atividades, mostrando interesse em conhecer melhor a Pampa e os saberes tradicionais que ela guarda. Entendemos que esse projeto pode ser melhor estruturado e ampliado, envolvendo escolas do campo de vários municípios da Fronteira Brasil-Uruguaí. Ele se mostra promissor para promover projetos de vida e o repasse de saberes tradicionais entre as gerações no território.

**Palavras-chave:** educação do campo, educação transformadora, saberes tradicionais, projetos de vida, bioma Pampa.

# Educa Pampa: a proposal to care for the Pampa and the knowledge of its people

**ABSTRACT.** Rural education in the Pampas needs to engage with the reality of the territory, enabling students to learn about and critically reflect on their place of life. In this sense, this article aims to present and discuss the experience of the Educa Pampa Project in promoting care for the Pampas and the traditional knowledge of its people. To achieve this objective, we chose the Case Study Method, using reports of the activities carried out and photographs. This pilot project began in the second half of 2024 in Santana do Livramento/RS, covering activities related to medicinal plants, native fruits, native fields, and Creole seeds in two municipal schools and one state school. The exchange of knowledge between educators, students, agrarian reform settlers, quilombolas, etc. was the highlight of the project. The children and adolescents actively participated in the activities, showing interest in learning more about the Pampas and the traditional knowledge it holds. We believe that this project can be better structured and expanded, involving rural schools from several municipalities on the Brazil-Uruguay border. It shows promise for promoting life projects and the transfer of traditional knowledge between generations in the region.

**Keywords:** rural education, transformative education, traditional knowledge, life projects, Pampa biome.

# Educa Pampa: una propuesta para cuidar la Pampa y los saberes de su gente

**RESUMEN.** La educación rural que se desarrolla en la Pampa necesita comprometerse con la realidad del territorio, permitiendo a los estudiantes conocer y reflexionar críticamente sobre su lugar de vida. En este sentido, este artículo tiene como objetivo presentar y discutir la experiencia del Proyecto Educa Pampa en la promoción del cuidado de la Pampa y los conocimientos tradicionales de sus pueblos. Para lograr el objetivo se optó por el Método de Estudio de Caso, se utilizaron informes de las actividades realizadas y fotografías. Este proyecto piloto se inició en el segundo semestre de 2024 en Santana do Livramento/RS, abarcando actividades relacionadas con plantas medicinales, frutas nativas, campos nativos y semillas criollas en dos escuelas municipales y una escuela estatal. El intercambio de conocimientos entre educadores, estudiantes, pobladores de la reforma agraria, quilombolas, etc. fue el punto culminante del proyecto. Los niños y adolescentes participaron activamente de las actividades, mostrando interés en conocer mejor la Pampa y los conocimientos tradicionales que ella alberga. Entendemos que este proyecto puede estructurarse y ampliarse mejor, involucrando escuelas rurales de varios municipios de la frontera Brasil-Uruguay. Muestra potencial para impulsar proyectos de vida y la transferencia de conocimientos tradicionales entre generaciones en el territorio.

**Palabras clave:** educación rural, educación transformadora, conocimientos tradicionales, proyectos de vida, Bioma de la Pampa.

## Introdução

O Bioma Pampa abrange principalmente a metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, e ocorre também no Uruguai e na Argentina. Ele guarda uma diversidade de espécies vegetais, animais, paisagens, saberes e modos de vida que merecem valorização e cuidado. Ao longo do tempo, sobre esse espaço, as pessoas criaram uma trama de relações sociais e identidades, configurando a Pampa como território. Utilizamos aqui o termo “a Pampa” para ressaltar seu caráter feminino, já que a origem do termo é indígena, remetendo à planície, e em espanhol se escreve “La Pampa”.

O território não é um lugar homogêneo, pelo contrário, ele é marcado por disputas. Nesse sentido, Raffestin (1993) chama a atenção para as relações de poder que o território envolve. O contexto atual da Pampa remonta para o avanço de projetos de morte da biodiversidade de aglomerados em torno da noção de neoextrativismo (Gudynas, 2011). Entre eles, podemos mencionar o crescimento representativo de áreas de monocultura de soja, silvicultura e a multiplicação de projetos de megamineração. Conforme dados do Projeto MapBiomias (2024), entre 1985 e 2023 o aumento da área de cultivos anuais e silvicultura na Pampa foi de 25,8%, representando 10,2 milhões de hectares. Já a redução de áreas de vegetação nativa nesse período foi de 10,4 milhões de hectares.

O cenário é preocupante. Entretanto, existe resistência. Entre os(as) que têm a coragem de enfrentar interesses de grandes empreendimentos, grupos sociais que vivem no território sem destruí-lo, como pecuaristas familiares, quilombolas, indígenas, pescadores artesanais, etc colocam seus corpos-territórios na luta por projetos de vida. Para defender a vida na Pampa, é necessário aumentar a visibilidade desses(as) sujeitos(as) sociais, ouvi-los(as), trocar saberes e amplificar suas vozes. A educação do campo é promissora para avançar nesse sentido, possibilitando o envolvimento de educadores(as), educandos(as), pais e comunidade em geral na promoção do cuidado da Pampa e de suas gentes.

A educação do campo nasce da luta de movimentos sociais pelo direito à educação de trabalhadores(as) do campo voltada à sua realidade. Ela combina “luta pela educação com luta pela terra, pela reforma agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território” (Caldart, 2012, p. 263). A educação é um caminho potente para a transformação. Lembramos o que nos ensinou Freire (2000, p. 31): “Se a educação sozinha não transforma o mundo, sem ela tampouco a sociedade muda”.

O ato de educar embaixo da mangueira de Paulo Freire nos passa uma mensagem potente no sentido de que a sala de aula não pode ser descolada do mundo que a cerca. Pelo contrário, Paulo Freire (1987) explica que ninguém educa ninguém, os seres se educam entre si e em contato com o mundo. A educação do campo que acontece na Pampa precisa dialogar com a realidade do território, possibilitar aos(às) educandos(as) conhecer e refletir criticamente sobre o seu lugar de vida. Desse processo brota a transformação da realidade.

O que é necessário para cuidar da Pampa e de seus saberes? O termo cuidado, muitas vezes, é associado ao feminino, coisa de mulher. Cuidar de crianças, de enfermos, cuidar da casa infelizmente ainda não é dividido de forma igualitária, o que gera sobrecarga de trabalho às mulheres. Além disso, essas atividades relacionadas ao cuidado costumam ser desvalorizadas. Entretanto, são essenciais. Conforme Shiva (1995), na sociedade ocidental, costuma-se desvalorizar o que é considerado feminino e o que é relacionado à natureza. O oposto se dá em relação ao que é considerado masculino e ao que é relacionado com a tecnologia. A autora chama a atenção para a necessidade de mudar isso, revalorizando o feminino e a natureza. Concordamos com ela.

Esse artigo tem como objetivo apresentar e discutir a experiência do Projeto Educa Pampa na promoção do cuidado com a Pampa e os saberes tradicionais de suas gentes. Seria esse projeto uma boa ferramenta na promoção da educação do campo comprometida com a defesa da Pampa e de suas gentes? Esse projeto piloto surgiu no segundo semestre de 2024 em Sant'Ana do Livramento/RS a partir da iniciativa de pesquisadoras da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Foi desenvolvido em duas escolas do campo municipais e uma estadual.

## **A busca do bem viver na Pampa**

A questão ambiental foi colocada em evidência na década de 1970 pelo movimento ambientalista que criticava a lógica desenvolvimentista e os impactos ambientais decorrentes dela. A partir de 1987, no Relatório Brundtland, também conhecido como Relatório Nosso Futuro Comum, que foi elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMED) da ONU (*World Commission on Environment and Development*, 1987), o conceito de desenvolvimento sustentável foi muito propagado. Esse conceito remete a um compromisso entre as gerações, de forma que a satisfação das necessidades da geração atual não comprometa o atendimento das necessidades das próximas gerações.

Para Sachs (2000), o desenvolvimento sustentável busca harmonizar objetivos ambientais, sociais e econômicos. Ele recomenda a utilização de oito critérios de sustentabilidade: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e política internacional. No critério ecológico, o autor menciona a preservação do potencial da natureza na produção de recursos renováveis e a limitação do uso de recursos não-renováveis. No âmbito ambiental, menciona o apoio à autodepuração de ecossistemas naturais.

O desenvolvimento sustentável recebe uma série de críticas. Alguns autores, como Leff *et al.* (2002), entendem que essa é uma forma de dar sustentação à continuidade da lógica desenvolvimentista frente às críticas. Assim, o conceito possibilitaria tratar a questão ambiental a partir da regulação do mercado. Nessa perspectiva, a ideia de desenvolvimento e de desenvolvimento sustentável colocam o sentido para a vida na produção, coisificando a natureza, transformando-a em matéria-prima para a produção. Através do desenvolvimento sustentável se busca a exploração “conservacionista” da natureza. Esses autores defendem que o desenvolvimento sustentável mascara a degradação ambiental causada pelo crescimento e globalização econômica. Se provoca a desigualdade na apropriação e transformação da natureza através de iniciativas como o pagamento de países percebidos como desenvolvidos para emitir gases de efeito estufa acima do limite estipulado, através de cotas de emissões, utilizando países percebidos como não desenvolvidos. Enquanto isso, o aquecimento global continua e intensifica o processo de destruição da natureza, mudando as formas de apropriação da natureza. Assim, a racionalidade econômica mostra que não pode ser sustentável. É necessário avançar para o paradigma da racionalidade ambiental. O discurso do desenvolvimento sustentável busca naturalizar a mercantilização da natureza. A economia ecológica questiona a capacidade do mercado de regular o equilíbrio ambiental e de internalizar os custos ambientais.

Conforme Zhouri e Laschefski (2010), o discurso sobre desenvolvimento sustentável foi sendo deslocado da defesa da reestruturação profunda da sociedade urbana-industrial-capitalista para a adequação da questão socioambiental ao modelo clássico de desenvolvimento. Esse processo foi acompanhado da criação de marcos regulatórios, da implementação de políticas ambientais institucionais e do setor privado na promoção da responsabilidade socioambiental das empresas e na abertura do diálogo com grupos ambientalistas e movimentos sociais. Os modelos de desenvolvimento estão diretamente relacionados à atribuição de significado e à utilização dos recursos naturais e, portanto, à magnitude dos impactos ambientais. Eles também estão na base dos conflitos ambientais que explicitam a disputa de poder entre grupos sociais em torno da aplicação de diferentes concepções de desenvolvimento,

ou até da recusa à noção de desenvolvimento e à forma de se relacionar com os atributos ambientais do território.

A partir dessa leitura é possível entender a opção pela subordinação das questões ambientais aos interesses do mercado na sociedade ocidental contemporânea e a resistência de grupos sociais que defendem seus modos de vida e suas formas tradicionais de se relacionar com os solos, as águas, as florestas e os campos. Também é possível observar como diferentes pesquisadores(as) se situam nesse contexto. Assim, nos posicionamos pela necessidade de defender alternativas ao desenvolvimento como a ideia de “buen vivir”, já que a noção de desenvolvimento acompanhada de seus diferentes qualitativos se mostra incapaz de resolver os grandes problemas ambientais, sociais e até mesmo econômicos que vivemos em diferentes territórios, como a Pampa. A ideia de “buen vivir”, conforme Gudynas (2011), tem origem em grupos indígenas latino-americanos e pode se adaptar a diferentes realidades e culturas. Ela se pauta na descolonização de saberes e incorpora a natureza ao defender a vida em harmonia com a “mãe natureza” e entre as pessoas.

A noção de ecologismo dos pobres, utilizada por Alier (1992), mostrou que não é a população pobre a grande causadora de problemas ambientais, pelo contrário. Conforme o autor, o ecologismo denuncia os danos do capitalismo em relação à apropriação e exploração dos recursos naturais. Esse autor defende a necessidade da luta ambiental organizada com a participação de grupos sociais invisibilizados, entre eles os camponeses, em países em desenvolvimento, o ecologismo dos pobres. Como exemplo, remete à luta liderada por Chico Mendes no Brasil até o seu assassinato, a luta contra os impactos de instalação de grandes hidroelétricas e da mineração para exportação. Essa discussão nos mostra que é possível cuidar da Pampa através da troca de saberes e da valorização de grupos sociais que têm meios de vida que respeitam o território, como pecuaristas familiares, quilombolas, indígenas e pescadores artesanais.

## **Metodologia**

O projeto piloto Educa Pampa surgiu no segundo semestre de 2024 em Sant’Ana do Livramento/RS a partir da iniciativa de pesquisadoras da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) com o apoio da Prefeitura Municipal de Santana do Livramento e da Bionatur Sementes Agroecológicas. Foi desenvolvido em duas escolas do campo municipais e uma estadual.

Para alcançar o objetivo deste artigo, escolhemos o Método do Estudo de Caso. Esse método, conforme Gil (2002) permite profundidade e o detalhamento por atender a um ou poucos objetos. Como ferramentas de pesquisa, utilizamos relatórios das atividades e fotografias.

Registramos o Educa Pampa como ação de extensão sem bolsista na UERGS. Devido ao seu foco ser na extensão e não na pesquisa, não o submetemos ao Comitê de Ética de Pesquisa da universidade. De forma a preservar a identidade dos(as) envolvidos(as), optamos por não mencionar nomes de pessoas e de escolas no artigo. Da mesma forma, escolhemos imagens onde as pessoas não são identificadas.

Considerando que cada escola do campo tem a sua realidade, iniciamos o projeto apresentando a sua proposta para a direção e professores(as) das três escolas. Em diálogo, deixamos os(as) profissionais a vontade para contar o que vinha sendo feito na escola acerca de cada tema e combinar o que seria feito.

O projeto buscou promover a troca de saberes entre universidade, escolas e comunidade em geral. Foram desenvolvidas atividades em torno dos seguintes temas: cuidar da Pampa; plantas medicinais; frutíferas nativas e sementes crioulas.

Nas escolas, foram criados cercados, espaço típico de pecuaristas familiares e quilombolas da Pampa, que protegem plantas do gado e combinam frutíferas, plantas medicinais, cucurbitáceas, etc, configurando-se como um sistema agroflorestal típico da Pampa. Foram realizadas rodas de conversas e oficinas para promover a troca de saberes relacionados aos temas na teoria e na prática. Para tanto, foram convidados(as) profissionais da UERGS, instituições, assistentes técnicos parceiros e pessoas da comunidade como assentados da reforma agrária, quilombolas e agricultores familiares com reconhecido saber sobre os temas propostos.

O município de Santana do Livramento integra a Pampa brasileira. Fica localizado na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, estando distante 500 km da capital Porto Alegre. Faz fronteira seca com o Uruguai através da cidade de Rivera. É o segundo município em extensão territorial do estado. Nesse contexto, o rural do município é marcado por grandes distâncias e difícil acesso através de estradas não pavimentadas, na maioria dos casos.



## Resultados

Entendemos que o primeiro passo para cuidar é conhecer. Assim, a primeira atividade envolvendo estudantes de cada escola teve um espaço inicial para apresentar o projeto, conversar sobre a Pampa e a importância de cuidar desse lugar onde vivemos. O trabalho que foi realizado sobre sementes crioulas, plantas medicinais e frutíferas nativas é apresentado na sequência.

### Sementes crioulas: símbolo de resistência sob o cuidado de guardiões(ãs) mirins

As sementes são símbolo de resistência. O sábio mestre quilombola Antônio Bispo falava sobre a circularidade da vida. As sementes são elos fundamentais do processo cíclico das plantas e de outras vidas relacionadas a elas. Promover a guarda de sementes tradicionais, selecionadas e guardadas por famílias de trabalhadores(as) do campo ao longo das gerações, é garantir a agrobiodiversidade e a soberania alimentar.

Nesse sentido, foi criado um banco de sementes crioulas na UERGS com o nome “Banco de Sementes Elísia Carvalho”. Elísia é uma assentada da reforma agrária que é guardiã de sementes crioulas há décadas. A inauguração do banco foi realizada no campo rural da UERGS com a participação de profissionais de escolas do campo, estudantes das escolas e da universidade e comunidade em geral. Esse dia de inauguração iniciou com uma dinâmica sobre a importância e a simbologia das sementes, mediada por uma profissional da UERGS. Foi um momento forte onde, em círculo, participantes trocaram reflexões e moldaram bombas de sementes elaboradas com terra, água e sementes crioulas.

Na oportunidade, esteve presente uma profissional da Bionatur Sementes Agroecológicas, iniciativa sólida do Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST) que é referência na temática no Brasil e parceira do banco de sementes. A profissional apresentou questões importantes no manejo de sementes crioulas e dialogou com os(as) presentes sobre técnicas e saberes relacionados à propagação, colheita, secagem e armazenamento de sementes crioulas. Ela também doou sementes que foram trocadas com outras de camponeses(as) participantes e do próprio banco. Também tivemos a oportunidade de dialogar com a camponesa e guardiã de sementes que vive no município. Ela que trouxe sua experiência como guardiã e contextualizou a trajetória do grupo de guardiãs de sementes que integra em Rivera (Uruguai). Após o almoço coletivo, foram trocadas sementes, sendo iniciado um arquivo de

guardiões(as) do banco. Representantes de escolas do campo também puderam escolher e trocar sementes.

Foram realizadas atividades de troca de saberes sobre sementes crioulas e sua importância para a Pampa nas três escolas parceiras. Esses foram espaços ricos, onde estudantes, educadores(as), pais, mães, avós e demais moradores(as) do entorno das escolas trocaram experiências, saberes e recordações relacionados à guarda de sementes. A troca também foi concretizada através do intercâmbio de sementes entre guardiões(ãs) adultos(as) (Figura 1) e da constituição de grupos de guardiões(ãs) mirins.

Figura 1 - Camponês trocando sementes crioulas em atividade realizada em uma das escolas.



Fonte: Arquivo do projeto, 2024.

Foi constituído um grupo de guardiões(ãs) mirins em cada escola a partir de estudantes que quiseram participar da experiência coletiva após a conversa sobre o tema. Cada estudante integrante do grupo foi convidado(a) a escolher sementes do banco, registrar, levar para casa e reproduzir as sementes, trazendo no próximo ano um pouco para doar para o banco. Esses grupos mobilizaram as crianças, que se mostraram animadas para manter esse saber relacionado à guarda de sementes crioulas. Essa é uma iniciativa importante para garantir que o cuidado com as sementes crioulas se mantenha ao longo das gerações.

## Um chá de saberes tradicionais: jujos do cercado e do campo nativo

Os saberes tradicionais referentes ao cuidado e à utilização de plantas medicinais são importantes partes do patrimônio cultural de povos do campo e das florestas. Na Pampa brasileira, pecuaristas familiares e quilombolas têm o hábito de chamar plantas medicinais de “jujos”. Os jujos podem ser utilizados isoladamente e especialmente associados na infusão com outras ervas, como costumeiramente ocorre em associação com a erva mate no consumo do chimarrão na Pampa. Outras formas de preparo e uso também são empregados, de acordo com a espécie vegetal, finalidade do consumo e conhecimento ancestral.

Os jujos são colhidos no campo nativo, principalmente em áreas próximas a cursos de água ou cultivados nas proximidades das casas. O cercado é um espaço onde esses grupos sociais costumam cultivar plantas para o autoconsumo, de forma protegida de animais, como bovinos e ovinos. Geralmente são feitos com materiais locais, como bambus e caibros de madeiras, onde é cultivado um “sistema agroflorestal pampeano” com espécies frutíferas, jujos, abóbora, melancia, mandioca, milho verde, couve, etc. Esse espaço rico em agrobiodiversidade vem se perdendo nas últimas décadas, assim como os saberes relacionados aos jujos. Dessa forma, é importante incentivar a troca desses saberes entre gerações.

Durante o Projeto Educa Pampa, improvisamos um horto de plantas medicinais no quintal da casa de uma estudante da UERGS que foi bolsista de extensão. Ali reproduzimos mudas de jujos doados por quilombolas, agricultores e pecuaristas familiares. Essas mudas foram cultivadas em embalagens descartáveis (Figura 2), como garrafas pet e caixas de leite e, posteriormente, levadas para as escolas.

Figura 2 - Muda de jujo cultivada e distribuída durante o projeto.



Fonte: Arquivo do projeto, 2024.

Em cada uma das escolas do campo integrantes do projeto, aconteceu um espaço de troca de saberes e de mudas de jujos. Esses espaços foram ricos e envolveram a comunidade escolar, estudantes e professores da UERGS, quilombolas e assentados(as) da reforma agrária. Neles vieram à tona histórias de familiares de estudantes das escolas e profissionais da educação com vasto saber sobre jujos, troca de saberes sobre plantas, usos e informações sobre cuidados relacionados às plantas medicinais divulgados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Nessas atividades também foram trocadas mudas de jujos entre os(as) presentes e realizado o plantio nas escolas. Uma das escolas já vinha realizando um trabalho sobre plantas medicinais que foi apresentado por professores. Sobre esse tema, a escola também tinha um relógio do corpo humano e que foi reativado coletivamente com limpeza e plantio de novas mudas.

Os jujos foram agregadores de vários grupos sociais e trabalhar sobre esse tema possibilitou momentos emocionantes de troca de saberes. Entre eles, lembramos das falas de um quilombola e de uma assentada da reforma agrária em uma das escolas do campo. Os olhos e ouvidos de estudantes e professores da escola e da UERGS estavam atentos aos ensinamentos de ambos sobre os jujos que passavam de mão em mão.

### **Frutíferas nativas: mãos na terra para cultivar os gostos da Pampa**

As frutíferas nativas que existem na Pampa envolvem uma grande diversidade de gostos, aromas e histórias que precisam ser preservadas e divulgadas. Além disso, a Cadeia Solidária das Frutas Nativas tem um grande potencial para o desenvolvimento e geração de renda aliada à conservação ambiental também na Pampa brasileira. A título de exemplo, há décadas, os butiazais eram comuns na Pampa, entretanto, atualmente os butiazeiros estão ameaçados de extinção. Precisamos mudar essa realidade.

Durante o projeto, plantamos dezenas de mudas de frutíferas nativas em duas escolas (Figura 3). O objetivo foi criar espaços similares aos cercados, sendo que esses espaços também receberam outras plantas. Entre as frutíferas nativas plantadas nas escolas estavam butiazeiros, guabijuzeiros, ingazeiros, pitangueiras, cerejeiras rio-grandenses, araçazeiros amarelos e jabuticabeiras. As mudas foram doadas, sendo a grande maioria recebidas da Chácara da Prefeitura Municipal de Santana do Livramento, onde existe um viveiro. No início de 2025, uma equipe da UERGS, juntamente com profissionais da Prefeitura Municipal, produziu mudas



de frutíferas nativas nesse mesmo viveiro com o intuito de dar prosseguimento ao projeto. Entre elas estavam butiazeiros, pitangueiras e araçazeiros amarelos.

Figura 3 – Professora da UERGS plantando muda de butiazeiro com estudantes em uma das escolas.



Fonte: Arquivo do projeto, 2024.

Uma das atividades de plantio de frutíferas nativas contou com a fala de um agricultor familiar agroecologista e técnico agrícola. Em uma grande roda no meio do campo nativo, ele abordou a importância de cuidar desse campo nativo que apresenta vasta diversidade de espécies, explicando sobre o valor nutritivo e fazendo a degustação de algumas, como o maracujá do mato, fruta nativa colhida nas proximidades da escola e que muitos(as) estudantes e professores(as) não conheciam.

O trabalho com as frutíferas nativas, assim como as demais espécies, foi apaixonante. As diferentes realidades das escolas possibilitaram momentos de muito aprendizado, de escuta e de construção coletiva. Em duas escolas, colocamos as mãos na terra para plantar mudas de frutíferas nativas. Já na terceira, vimos e aprendemos com a comunidade escolar sobre o cultivo de frutíferas nativas na escola do campo. Em uma das escolas já existia um pomar orgânico com frutíferas nativas e exóticas. Essa experiência foi apresentada para professoras e estudantes da UERGS durante a realização de uma trilha guiada pelo professor de agroecologia e por estudantes da escola.

## **Considerações Finais**

Esse artigo teve como objetivo apresentar e discutir a experiência do Projeto Educa Pampa na promoção do cuidado com a Pampa e os saberes tradicionais de suas gentes. Entendemos que ele é uma excelente ferramenta na promoção da educação do campo comprometida com a defesa da Pampa e de suas gentes, assim como acontece com outras experiências que promovem o diálogo de saberes nas escolas do campo desse território.

A troca de saberes entre educadores(as), educandos(as), assentados(as) da reforma agrária e quilombolas foi o ponto alto do projeto. As crianças e adolescentes participaram ativamente das ações, mostrando interesse em conhecer melhor a Pampa e os saberes tradicionais que ela guarda e trazendo relatos das suas experiências e de seus familiares com as espécies trabalhadas no projeto. A cada atividade vimos acontecer na prática o que nos ensinou Paulo Freire (1987), pessoas se educando entre si e em contato com o mundo onde vivem, a Pampa.

Entendemos que a experiência do Educa Pampa se mostra promissora para promover projetos de vida e o repasse de saberes tradicionais entre as gerações no território. Através das ações realizadas, fortalecemos a presença de povos e comunidades tradicionais da Pampa e seus saberes dentro das escolas. Após o término do projeto, recebemos mensagens e fotos de ações

que mostram a continuidade desse movimento nas escolas, como plantio de mais mudas de árvores nativas e mutirão de melhoria de espaços de cultivo de alimentos saudáveis.

Sugerimos que o projeto seja ampliado e transformado em um programa de extensão, desde que tenha uma equipe com disponibilidade e os recursos necessários para seu pleno desenvolvimento. Ele pode envolver escolas do campo de vários municípios da Pampa em contexto de fronteira Brasil-Uruguai. Iniciativas como essa precisam ser valorizadas, fortalecidas e multiplicadas, pois promovem uma aliança frutífera entre educação do campo, sustentabilidade e justiça social, conceitos com sentidos profundos e necessários, como nos ensinaram Sachs (2000) e Caldart (2012).

Muitos projetos como esse acontecem nas escolas do campo da Pampa com resultados importantes para a conscientização ambiental e para a valorização de saberes tradicionais, entretanto são pouco apoiados e divulgados. Sugerimos uma sistematização de experiências em curso no território, de forma a valorizá-las, discutir seu papel para a educação do campo e incentivar a criação de políticas públicas e de novas ações de extensão a partir delas.

Por fim, esperamos que as escolas do campo da Pampa sejam cada vez mais fortalecidas para atuarem na resistência ao avanço de projetos trazidos pelo neoextrativismo, como a avanço da soja e de projetos de megamineração, que priorizam a exploração de recursos naturais associado ao mercado internacional e com impactos sociais e ambientais significativos. Existem grupos sociais organizados que atuam fortemente na defesa da Pampa e de suas gentes. As escolas do campo são centros de resistência que semeiam vida nesse contexto.

## Referências

Alier, J. M. (1992). El ecologismo de los pobres. *Revista Wani*, 25(1), 42-50.

Caldart, R. S (2012). Educação do campo. In Caldart, R. S. et al. (Orgs). *Dicionário de educação do campo*. RJ/SP. Expressão Popular, 257-254.

Freire, P. (2000). *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos*. São Paulo: Editora UNESP.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. SP: Atlas.

Gudynas, E. (2011). Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo. *América Latina en Movimiento*, 462(1), 1-20.

Leff, E., Argueta, A., Boege, E., & Gonçalves, C. W. P. (2002). Más allá del desarrollo sostenible: la construcción de una racionalidad ambiental para la sustentabilidad: una visión desde América Latina. (pp. 477-576). In Leff, E. et al (Org.). *La transición hacia el desarrollo sustentable: perspectivas de América Latina y el Caribe*. México: INE-SEMARNAT, UAM, PNUMA.

Projeto Mapbiomas (2024). *Información principal sobre la cobertura y uso del suelo en Pampa Sudamericano*. <https://pampa.mapbiomas.org/pt/home-3/>.

Raffestin, C. (1993). *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática.

Sachs, I. (2000). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. RJ: Garamond.

Shiva, V. (1995). *Abrazar la vida: mujer, ecología y supervivencia*. Madrid: Horas y Horas.

World Commission on Environment and Development. (1987). *Report Our Common Future*. United Nations.

Zhour, A., & Laschefski, K. (2010). Desenvolvimento e conflitos ambientais: um novo campo de investigação (pp. 11-34). In Zhour, A., & Laschefski, K. (Orgs.). *Desenvolvimento e conflitos ambientais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

#### Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 05/02/2025  
Aprovado em: 09/10/2025  
Publicado em: 17/12/2025

Received on February 05th, 2025  
Accepted on October 09th, 2025  
Published on December, 17th, 2025

**Contribuições no Artigo:** Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

**Author Contributions:** The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

**Conflitos de Interesse:** Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

#### Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

#### Article Peer Review

Double review.

#### Agência de Fomento

Não tem.

#### Funding

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 10	e19822	UFNT	2025	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------



No funding.

**Como citar este artigo / How to cite this article**

APA

Costa, C., Castro, B., Rodrigues, J. O., Cunha, N. A. S., & Enderle, R. A. (2025). Educa Pampa: uma proposta para cuidar da Pampa e dos saberes de suas gentes. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 10, e19822.